



PESQUISA - RESEARCH

Tolkien: uma análise sobre a cultura política conservadora inglesa

Mara Lúcia Ribeiro de Sousa¹
Mestranda no Programa de Pós Graduação em História
Universidade Estadual Paulista – UNESP
mara.sousa@unesp.br

Como citar este artigo: SOUSA, M. L. R. “Tolkien: uma análise sobre a cultura política conservadora inglesa”, *Intelligere, Revista de História Intelectual*, nº13, pp. 217-236. 2022. Disponível em <<http://revistas.usp.br/revistaintelligere>>. Acesso em dd/mm/aaaa:

Resumo: J.R.R. Tolkien, autor de renome, pode ser visto como um intelectual representante da cultura política dominante da Inglaterra do início do século XX? O objetivo do artigo é compreender como se desenvolveram em Tolkien traços da cultura política conservadora, utilizando o conceito de cultura política de Serge Bernstein e analisando as redes de socialização que pautaram a vida do intelectual e que revelam uma visão de mundo partilhada por outros intelectuais do seu segmento cultural. A análise da biografia de Humphrey Carpenter e de variadas correspondências servem para comprovar o posicionamento do escritor como um homem inserido na cultura política conservadora da Inglaterra.

Palavras-chave: Tolkien. Conservadorismo. História Cultural. Cultura Política. História Intelectual.

Tolkien: a political culture analysis about english conservatism

Abstract: J.R.R. Tolkien, famous author, can being seen as an intellectual part of the dominant political culture of 20th Century England? The objective of this paper is

¹ Mara Lúcia Ribeiro de Sousa é aluna de Mestrado do programa de Pós Graduação em História pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), bolsista do programa de Demanda Social da CAPES, sob orientação da Professora Doutora Teresa Malatian. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2117541221687470>.

compreended how traces of the conservatist political culture had developed in Tolkien. The paper uses the Berstein's concept of political culture and analyses the social networks that were part of the intellectual life to understand the vision of the intellectuals that were part of the same cultural segment that Tolkien. The analyses of the biography of Humphrey Carpenter and of several letters will prove that the author was part of the English conservative political culture.

Keywords: Tolkien. Conservatism. Cultural studies. Political Culture. Intellectual history

Considerações sobre John Ronald Reuel Tolkien

John Ronald Reuel Tolkien destaca-se no panorama intelectual por suas obras *O Hobbit* e *O Senhor dos Anéis*. Homem das letras, acadêmico fascinado pela Idade Média, produziu obras de filologia e estudo dos dialetos ingleses medievais, mas foi sua obra literária que o fez alcançar notoriedade ainda em vida com as publicações de *O Hobbit* em 1937 e da primeira parte da saga *O Senhor dos Anéis* em 1954; apenas esta saga vendeu mais de 150 milhões de cópias e foi traduzida para mais de quarenta línguas.

Ídolo da cultura pop contemporânea, esse professor de filologia de Oxford gerou inúmeros debates acadêmicos ao longo das décadas. O crítico literário Harold Bloom em seu livro sobre a obra *O Senhor dos Anéis* chocou-se com o alcance de um texto com escrita exagerada e de caráter moralista (BLOOM, 2000, p.2). Ainda no campo da análise literária, a crítica escrita pelo poeta W.H. Auden (1954) sobre o heroísmo dos *hobbits* presente na trilogia de *O Senhor dos Anéis* é um exemplo da repercussão da obra.

Houve quem analisou o caráter religioso da obra como Philip Mitchell, que traça comparações entre Tolkien, G.K. Chesterton (importante escritor cristão do século XIX e inspiração para o escritor) e Owen Barfield (poeta), ambos críticos do progresso científico e preocupados com a perda da fé cristã e a crescente decadência do mundo ocidental (MITCHELL, 2011, p.9).

O presente artigo debruça-se sobre a imagem de intelectual do professor de Oxford, com o objetivo de revelar os traços conservadores do literato, parte de uma cultura política dominante da Inglaterra: a cultura política

conservadora. Será analisada a sua produção não literária como as correspondências trocadas com familiares, editores e amigos.² Como embasamento da proposta, será utilizada a biografia oficial escrita por Humphrey Carpenter.

A análise de fontes pessoais como cartas não é recente e diversos historiadores se debruçaram na importância em se analisar textos tão pessoais e, ainda assim, tão repletos de detalhes, como normas de escrita e convenções sociais, que podem escapar aos olhos. De acordo com Phillippe Artières (1998, p.11), não arquivamos qualquer coisa, pois omitimos, rasuramos e damos destaque a determinadas passagens que nos interessam, sendo papel do historiador realizar essa análise detalhada das fontes pessoais. Para Luciana Godoy, é possível contextualizar uma cultura política a partir da análise de correspondências, pois aquele que escreve a carta revela como determinados momentos da história influenciaram em sua vida (GODOY, 2009, p.97).

Tolkien escreveu inúmeras cartas para outros intelectuais, todos parte de uma rede que partilhava ideias semelhantes, daí a importância de se analisar as trocas de correspondências de intelectuais como Clive Staples Lewis (1898-1963), figura ainda relevante para compreensão do conservadorismo inglês. Para Teresa Malatian (2009, p.206), é possível mapear estas redes de sociabilidade de intelectuais a partir das trocas de correspondências. Os intelectuais, como homens de letras, escreviam inúmeras cartas, e se sobreviveram ao teste do tempo, servem para compreendermos pactos entre amigos, disputas entre rivais intelectuais, debates políticos com seus pares, além de informações relevantes que podem ser retiradas das correspondências com familiares.

Tolkien, por exemplo, sinalizava suas opiniões políticas em variadas correspondências trocadas no interior do grupo literário *The Inklings*, projeto criado por Lewis e que uniu diversos intelectuais de Oxford. Na correspondência de número 83 (outubro de 1944), Tolkien relata ao filho Christopher seu encontro com o poeta conservador Roy Campbell (1901-1957), apoiador do regime franquista, em das reuniões dos *Inklings*. O escritor se admira com um poeta cristão tão diferente da

² As cartas foram selecionadas da antologia organizada por Humphrey Carpenter e constarão com o número correspondente para facilitar a busca. A edição utilizada foi a original em inglês (editada pela Harper Collins, 2012) e constarão com as devidas traduções para o português.

esquerda briguenta e elitizada³ e relata o ódio que os apoiadores de Franco sofreram por serem da Igreja Católica.

Para auxiliar a análise do intelectual Tolkien, foi necessário debruçar-se em sua biografia oficial escrita por Humphrey Carpenter: qual o valor historiográfico de se usar as biografias como fonte? Para Philippe Levillain, é essencial ver as biografias como fonte de estudo. A utilização das biografias na história não é novidade, pois ao se estudar um personagem histórico, é possível analisar o comportamento coletivo de todo um período: “Resumindo, se os indivíduos são modelados pelas sociedades, eles manifestam preferências que devem ser explicadas.” (LEVILLAIN, 2003, p.168).

De acordo com Malatian (2008, p.23), partindo da história de um indivíduo é possível compreender a dimensão histórica a qual ele pertence, pois suas práticas existem também no coletivo. É possível perceber na biografia de Tolkien diversos elementos que fazem com que ele se relacione com a cultura conservadora do período, como o fato de sua esposa ser membro do grupo feminino conservador, Primrose League⁴; o pertencimento de Tolkien a esfera elitizada das *public schools* inglesas, entre outros que serão analisados no artigo.

O contexto político da Inglaterra da virada do século XIX e início do XX

Tolkien nasceu já no final do século XIX, em janeiro de 1892 na África do Sul, antiga colônia inglesa, e teve uma infância próspera. Após perder os pais ainda jovem, foi criado por um padre católico que, por possuir uma herança familiar robusta, passou a garantir o seu futuro educacional em uma *public school* inglesa de prestígio. O final do século XIX e início do XX é marcado pelo reinado de dois monarcas ingleses, Rainha Vitória e Rei Eduardo, seu filho, responsáveis por um período de ouro do império inglês. A Era Vitoriana e Eduardiana foram controladas politicamente por uma elite fundiária que consegue se manter no poder e se adaptar às mudanças ocorridas pós Revolução Industrial. Foi determinante a presença deste grupo

³ Tolkien usa a palavra “*courduroy panzers*” para descrever os poetas de esquerda que fugiram para os Estados Unidos. Em uma tradução, seria uma espécie de brincadeira significando tanques de guerra vestidos de veludo.

⁴ CARPENTER, Humphrey. J.R.R.Tolkien: uma biografia. 1. ed. – Rio de Janeiro: Harper Collins, 2018, p.66

aristocrático, que realiza uma série de reformas sociais para impedir revoltas populares e se manter no poder⁵. Características importantes do período são o poderio inglês, as mudanças causadas pela industrialização, ao mesmo tempo que a sociedade inglesa tradicional sobreviveu sem grandes mudanças na estrutura e com uma aristocracia gozando de poder político, econômico e social (SPECK, 2013, p.82).

Todo esse poderio sofre um contratempo, primeiro com as guerras dos Bôeres (1880-1881 e 1899-1902) e depois com a Grande Guerra (1914-1918). As guerras dos Bôeres foram conflitos na África do Sul entre colonos ingleses e holandeses, responsáveis por mostrar aos ingleses que a manutenção de um império não era algo tão simples assim. A Inglaterra venceu, mas

Cerca de 22 mil soldados, de um total de 447 mil do lado britânico, morreram devido a ferimentos ou doenças. O custo da guerra chegou a 200 milhões de libras. A perda do prestígio foi ainda maior. A maior potência do planeta havia sido humilhada por uma pequena república de fazendeiros (SPECK, 2013, p.130).

Tolkien muda-se com quatro anos para a Inglaterra e não sente a crise inicial do império inglês, mas já era adulto quando a Grande Guerra eclodiu, em 1914: a guerra iniciada para barrar o poderoso Império Alemão, também determinou o início de disputas nacionalistas sem escalas. Para os ingleses representa um trauma, em que mais de cinco milhões de soldados lutaram e quase metade destes saiu ferida ou morta. A Batalha do Somme, 1916, a qual Tolkien participou, fez com que mais de 60 mil soldados falecessem. Segundo Peter Burke (2016, p.230), até mesmo a aristocracia foi convocada nas posições de oficiais e cerca de 18% destes morreram em combate. Esta guerra marca tanto os ingleses que, até hoje, o rito *Remembrance Sunday* é invocado por todo o país, lembrando os soldados que perderam sua vida no conflito. Marcou também o jovem Tolkien, que vai assistir aos horrores das trincheiras diariamente, além da perda de amigos íntimos: Robert Gilson morreu no primeiro dia da Batalha do Somme e Geoffrey Smith foi vítima de um ferimento de bala (GARTH, 2003, p.250).

⁵ Reformas como: *Representation of People Act* (1867), que aumentava a quantidade de pessoas com direito à voto na Inglaterra; *Employers and Workmen Act* e *Conspiracy and Protection of Property Act*, ambas de 1875 e que descriminalizaram os sindicatos; *Artisan's Dwelling Act* (1875) responsável por demolir cortiços e construir moradias melhores aos trabalhadores; *Representation of the People Act* (1894) que concedia o sufrágio para milhões de trabalhadores rurais.

O perfil intelectual de Tolkien e o conservadorismo clássico

A pergunta inicial do artigo era se Tolkien, como intelectual, podia representar comportamentos políticos da época. No entanto, que intelectual é este? O conceito de intelectual é trabalhado por inúmeros autores, mas trata-se, aqui, de conceitos presentes em Thomas Heyck e em Jean-François Sirinelli. Heyck analisa em sua obra *Myths and Meanings of Intellectuals in Twentieth-Century British National Identity* o significado de intelectual como homem das letras afastado do mundo dos homens mortais e de seus problemas sociais (HEYCK, 1998, p.207). Tolkien, apesar de não ser alheio à política, buscava justificar que sua obra se afastava de análises políticas.

Na correspondência 183 (janeiro de 1956), trocada com o crítico literário e amigo, Wystan Hugh Auden (1907-1953), Tolkien enfatizou sua preocupação em separar seu escrito de qualquer viés político: “Eu não gosto do uso ‘político’ nesse contexto; parece falso para mim. Parece claro para mim que a missão de Frodo era ‘humana’ e não política. (...) Denethor foi manchado pela política pura, por isso falhou.”⁶

Cabe lembrar que esse conceito é o mesmo da *torre de marfim*, descrito por Julien Benda (2007, p.233): “o verdadeiro intelectual que se alegra apenas com o exercício da mente, do pensamento e desdenha o sensacional (em particular, a sensação da ação).”

O outro significado do termo intelectual contido em Heyck é o *funcional*, isto é, todos os homens letrados, escritores ou acadêmicos, basicamente todos os literatos do século XIX e XX, incluindo Tolkien (HEYCK, 1998, p.208). O conceito amplo para compreender intelectuais também é debatido em Jean-François Sirinelli, que vê como intelectual aquele que produz conhecimento, ou seja, jornalistas, acadêmicos, escritores e professores, a abordagem “extensiva do feudo intelectual” (SIRINELLI, 2003, p.243). Este intelectual não precisa ter participação ativa na vida política de seu país para ser fonte de estudo do historiador, pois suas opiniões representam uma visão da realidade, visão esta partilhada por outros intelectuais. Pode-se observar esse argumento em uma carta de Tolkien para seu amigo C.S. Lewis (número 49, de 1943), em que debate a importância do casamento cristão e das regras de obediência e

⁶ “I dislike the use of ‘political’ in such a context; it seems to me false. It seems clear to me that Frodo’s duty was ‘humane’ not political. (...) Denethor was tainted with mere politics: hence his failure.”

fidelidade, negando a possibilidade de se celebrar um casamento civil, visto por ele como uma abominação:

Eles se casaram perante a testemunha da Igreja (um padre) (...) e fazendo um voto de fidelidade eterna (e a mulher de obediência); então, eles se casaram novamente perante o Estado como testemunha (...) e sem fazer votos de fidelidade ou obediência. Eu senti que aquilo foi um procedimento abominável.⁷

É perceptível no trecho que Tolkien defendia determinada visão de mundo, sendo então possível trabalhar seus textos e biografia para vê-lo como representante de comportamentos da cultura política conservadora.

Sobre o conservadorismo, cabe especificar que o modelo inglês clássico surge com Edmund Burke, pensador político e crítico da Revolução Francesa. Em 1791, buscando afastar a política do país de uma revolução semelhante à ocorrida no continente, escreveu uma série de cartas para um membro da Assembleia Nacional francesa demonstrando o caráter conservador da política inglesa. Essas cartas foram incorporadas no que se tornaria o livro *Reflexões sobre a Revolução Francesa*.

O conservadorismo clássico também se relaciona com o caráter aristocrático da sociedade inglesa, uma vez que, para seus defensores, a política está abaixo de valores como a religião, família e tradição aristocrática (SCRUTON, 2012, p.19). Aos olhos de Burke, os ingleses preservavam determinados valores, pois: “nós tememos a Deus, olhamos com a admiração para os reis, com carinho para os parlamentos, com dever para os magistrados, com reverência para os sacerdotes, e com respeito à nobreza.” (BURKE, E., 2017, p.139).

Além de Edmund Burke, os filósofos Russell Kirk e Roger Scruton trabalham os principais pilares do conservadorismo: tradição, as instituições, família e religião. Todos esses princípios foram defendidos por Tolkien ao longo de sua vida. Para o conservador, a “tradição é sagrada; por meio dela as reais tendências sociais da Providência são exibidas; portanto, a tradição deve ser nossa guia.” (MILLS, 2000, p.284).

⁷ “They married one another before the Church’s witness (a priest) (...) and making a vow of lifelong fidelity (and the woman of obedience); they then married again before the State’s witness (...) and making no vow of fidelity or obedience. I felt it was an abominable proceeding.”

A ideia de “preservar os valores, reformando para sobreviver” (PEEL, 1834) é a base também do Manifesto Tamworth, escrito em 1834 por Robert Peel, primeiro ministro inglês. O manifesto é considerado o documento principal do conservadorismo inglês e em suas linhas as ideias de reforma, respeito pela autoridade e à tradição são repetidos constantemente.

Tolkien demonstrava opiniões semelhantes, ao defender as distinções sociais na sociedade inglesa: “Sua visão de mundo, segundo a qual cada homem ocupava ou deveria ocupar uma ‘posição’ específica, fosse alta ou baixa, implica, por um lado, que era um conservador.” (CARPENTER, 2018, p.177)

Para Russell Kirk (2021, p.23), a religião é um dos pilares fundamentais do conservadorismo. Se uma sociedade deseja encaminhar-se rumo à civilização é necessário seguir uma religião, algo que Tolkien defendeu em toda a sua vida. Na carta de número 310, escrita em maio de 1969 para a filha de seu editor, o escritor comenta que a moral cristã deve conduzir a vida humana: “Há um Deus, (...) uma Mente a qual nossas mentes são semelhantes (derivadas dela). Com isso vem a religião e as ideias morais. Portanto, a moral deve ser um guia para o propósito humano, o condutor de nossas vidas.”⁸

Outro exemplo da religião como pilar conservador presente em Tolkien é o trecho retirado da carta 250 (novembro de 1963), para seu filho Michael: “A tentação da ‘descrença’ (que significa rejeitar Nosso Senhor e Suas alegações) sempre esteve entre nós. É necessária uma fantástica determinação na descrença para supor que Jesus nunca ‘aconteceu’.”⁹ O conservador, assim, se agarra à fé, pois não há solução perfeita para os problemas sociais, sendo necessário esperar pela justiça divina.

O último elemento defendido pelos conservadores, e por Tolkien, é a família. Novamente, Kirk (2021, p.42) e Scruton (2020, p.39) debatem que o

⁸ “Is there a God, (...) a Mind to which our minds are akin (being derived from it) (...). With that come to religion and the moral ideas that proceed from it. (...) So morals should be a guide to our human purposes, the conducts of our lives.”

⁹ “The temptation to ‘unbelief’ (which means rejection of Our Lord and His claims) is always there within us. (...) It takes a fantastic will to unbelief to suppose that Jesus never really ‘happened’.”

núcleo de uma sociedade civilizada é a família, responsáveis por organizar os afetos e confianças entre os homens.

Os princípios conservadores elencados são reproduzidos por vários estratos da sociedade inglesa, independente de nascimento ou grupo social. Como indicado por Peter Burke, muitos ingleses possuem o chamado “conservadorismo aberto e convicto” (BURKE, P., 2016, p.20) e uma aversão às mudanças drásticas. Pode-se perceber o caráter conservador dessa cultura política nos textos do historiador Noel Annan (1990, p.34), que debate a proximidade entre políticos conservadores e intelectuais na sociedade inglesa, que buscavam prestígio e segurança ao se aproximarem da política dominante. Thomas Heyck (1998, p.199) analisou a força da tradição no final do século XIX e como esta se alinhava ao interesse coletivo de preservar os valores anteriores à industrialização; e Lowenthal (2015, p.120) expôs o orgulho inglês por seus antepassados, tradição, conservadorismo e estabilidade histórica. Vale destacar também a força do próprio Partido Conservador dentro da nação inglesa, que desde 1835 (quando o Partido Tory se transformou em Conservador) elegeu vinte oito primeiros-ministros; enquanto os liberais elegeram treze e os trabalhistas oito.¹⁰

Tolkien e uma análise da cultura política

Sirinelli, ao comentar sobre as elites culturais, grupo formado pelos homens de cultura, trabalha com a sociabilização de intelectuais como forma de compreender uma sociedade: “As elites culturais se definem (...) pela sua própria imagem, que reflete a sociedade que as rodeia.” (SIRINELLI, 1998, p.275). Qual a relevância do estudo? Se o indivíduo representa valores, estes valores são reproduzidos por outros indivíduos, pois ninguém está isolado na sociedade. Tolkien, ao defender seu lugar no mundo, revela opiniões políticas, compartilhadas pelos seus pares do segmento cultural, o que deve ser investigado pelo historiador (SIRINELLI, 1998, p.266).

De acordo com Serge Berstein, o indivíduo carrega em si elementos e valores que são passados para ele e reproduzidos (ou negados). Esses elementos são códigos partilhados por outros e representam uma cultura

¹⁰ Para mais informações: <<https://www.gov.uk/government/history/past-prime-ministers>>.

política, que pode ser dominante ou não dentro da sociedade (BERSTEIN, 1998, p.352). Para compreendê-la torna-se fundamental analisar a trajetória do indivíduo em suas redes de socialização, que são formadas pelas relações do sujeito com a família, escola, religião, universidade, exército, trabalho, os amigos, entre outros. Nesta parte será analisado os elementos da rede de sociabilidade de Tolkien, em busca de uma compreensão das ideias do intelectual e como essas ideias circulavam pela cultura política da época. São eles: família, escola, religião, exército, universidade, trabalho e amigos:

Tolkien e o ideal de família cristã

Ao longo de sua biografia fica perceptível que Tolkien era ligado à figura materna, pois o pai morreu antes que completasse quatro anos. Se o início de sua infância foi fácil, uma vez que o pai trabalhava em um banco na África do Sul, não podemos dizer o mesmo após o seu retorno à Inglaterra com a mãe. Em Birmingham passou a viver brevemente com os avós maternos, que se orgulhavam de dizer que eram descendentes de nobres tradicionais, representando o melhor do povo inglês. Após, foi adotado por um padre, que se torna seu tutor legal.

O relacionamento com Edith, sua esposa, também traz uma informação importante, pois a jovem era membro ativo do Partido Conservador e do poderoso grupo Primrose League, em homenagem ao primeiro-ministro Disraeli (CARPENTER, 2018, p.66). Com sua esposa e filhos, Tolkien teve uma vida fechada e restrita, e seu casamento carregou marcas do conservadorismo, uma vez que Edith tinha uma educação limitada e não trabalhava, pois trabalhar indicaria que a condição social da família estava abaixo da classe média.

Tolkien, segundo seu biógrafo, “(...) não a incentivou a empreender qualquer atividade intelectual, em parte porque não considerava que isso fosse necessário para o seu papel de esposa e mãe” (CARPENTER, 2018, p.210), no que seguia o padrão dominante esperado para as mulheres na época.

Sua relação com os filhos Michael e, especialmente, com Christopher merece destaque, pois em uma série de correspondências trocadas, Tolkien revela muito de suas características políticas conservadoras. Para o filho Michael, merece destaque a carta 42, datadas de 1941, durante a Segunda Guerra Mundial. A carta 42 trata do

comunismo e das ações “[...] travessas da União Soviética¹¹”, desabafa que jornais comunistas “[...] são gritados, intocáveis, nas ruas.¹²”

A correspondência de número 250, novembro de 1963, também para seu filho Michael, já ordenado padre da Igreja Católica, trabalha com sua preocupação com a crescente vulgarização do mundo e dos jovens, em especial dentro de cultos religiosos. Tolkien é categórico ao afirmar que o público das missas da época era formado por uma burguesia comum, crianças mal educadas e mulheres usando calças¹³ (o que não parecia correto aos seus olhos).

As cartas para seu filho Christopher tratam de assuntos variados e correspondem a uma intensa correspondência trocada ao longo dos anos da guerra. No presente artigo serão trabalhadas as cartas 52; 53 e 83.

Na carta 52, de novembro de 1943, Tolkien trata dos seguintes temas: monarquismo, democracia e anarquia; mostrando uma inclinação comum dos ingleses pela monarquia e as instituições tradicionais: “Minhas opiniões políticas tendem mais e mais para a Monarquia ‘Inconstitucional’. Eu prenderia qualquer pessoa que usasse o termo Estado (...) e o trabalho mais impróprio para qualquer homem é mandar em outros homens.”¹⁴

A carta 53, de dezembro de 1943, é um desabafo sobre figuras políticas como Stálin e Churchill, mas o interessante é perceber sua preocupação com as mudanças sociais e políticas em curso e se “(...) o mundo vai ter espaço para velhos reacionários como ele.”¹⁵

A última carta a ser analisada para seu filho Christopher é a de número 83 (outubro de 1944). Esta correspondência possui alguns pontos curiosos a respeito do fascismo de Franco e sua relação com o catolicismo, algo que comovia Tolkien. Existe a narração de um encontro de Tolkien e os irmãos Lewis com Roy Campbell, poeta já citado previamente no artigo. Tolkien adorou o encontro, deixando inequívoco que o

¹¹ “It is also plain that our dear old friends the U.S.S.R. are up to some mischief.”

¹² “Meanwhile, the ‘Daily Worker’ is cried in the streets unmolested.” Daily Worker era o jornal do Partido Comunista Britânico.

¹³ “(...) and a church full of the usual bourgeois crowd, ill-behaved children (...), women in trousers.”

¹⁴ “My political opinions lean more and more to [...] ‘unconstitutional’ Monarchy. I would arrest anybody who uses the world State. (...) and the most improper job of any man (...) is bossing other men.”

¹⁵ “(...) I wonder (if we survive this war) if there will be any niche (...) left for reactionary back numbers like me.”

amigo C.S. Lewis achara o homem detestável por sua mistura perigosa entre catolicismo e fascismo. Para Tolkien, no entanto, o regime franquista era correto e tudo não passava de propaganda comunista (vermelha). Tolkien ainda critica a fala da esquerda americana que usava a Guerra Civil Espanhola para banir qualquer trabalho intelectual de quem lutou a favor de Franco e da Igreja.¹⁶

Public Schools: a formação elitizada de Tolkien

Mesmo com uma infância difícil após a morte dos pais, Tolkien ingressou na *King Edward's School* em 1900, a anuidade sendo paga por um tio. A escola, fundada pelo rei Eduardo VI, em 1552, na cidade de Birmingham, faz parte do seletivo grupo das *public schools* inglesas.

Apesar do nome, são escolas independentes e que uma minoria privilegiada consegue pagar suas anuidades. Segundo Heyck (2002, p.236), apenas 113 mil crianças estavam em escolas secundárias britânicas no início do século XX (pensando em escolas financiadas pelo governo e particulares). As *public schools* inglesas formavam jovens seguindo os ideais de masculinidade e lealdade, sendo responsáveis por passar os padrões adequados para as camadas sociais superiores (ANNAN, 1990, p.37). Essas escolas são “objeto frequente de críticas pelo elitismo que representam” (BURKE, P., 2016, p.151), por serem capazes de formar jovens para as melhores universidades, como Oxford e Cambridge. Aliás, a sua entrada em Oxford só foi possível pela formação com alto nível intelectual das *public schools*. Com a morte da mãe, em 1904, os estudos de Tolkien são financiados por seu tutor, padre Xavier Morgan, que tinha uma renda privada capaz de pagar as altas taxas do colégio (CARPENTER, 2018, p.48). Dessa forma, apesar de não ser parte de um grupo privilegiado da aristocracia, o jovem Tolkien teve uma adolescência financiada por seu tutor.

O católico em um mundo protestante

A religião sempre foi parte essencial da personalidade de Tolkien, que era católico, diferente da maioria protestante inglesa, criado por uma mãe convertida à fé e expulsa da família por abandonar o anglicanismo. Com a morte da mãe, em 1904,

¹⁶ Alguns dos trechos citados acima: “(...) he then fought through me war on Franco’s side”; “(...) “C.S.L.’s reactions were odd. Nothing is a greater tribute to Red propaganda than the fact that he believes all that is said against Franco, and nothing that is said for him.”

Tolkien passa por um período de extrema depressão e culpa o abandono da família materna por todo o seu sofrimento. Como Carpenter declara, a religião passou a ocupar um espaço determinante em sua vida, preenchendo o vazio materno (CARPENTER, 2018, p.47). Outro aspecto relacionado ao catolicismo era a forma que via o mundo: para ele o lugar dos homens era decaído e corrompido e, por esse motivo, não adiantava se preocupar, pois tudo era transitório. Sua única salvação era a fé, mostrando um total comprometimento pela Igreja Católica e seu código de conduta. Seu conservadorismo podia ser visto até ao revelar “profunda mágoa” (CARPENTER, 2018, p.178) quando as missas deixaram de ser rezadas em latim.

Tolkien, assim como o amigo C.S. Lewis, passa a usar a religião, mais precisamente o catolicismo, para explicar o mundo. Noel Annan (1990, p.299) argumenta que a prática de usar a religião para interpretar o mundo ganhou força entre os intelectuais ingleses. É através dela que Tolkien justifica seu conservadorismo político, por exemplo. Na carta 186, escrita em 1956 para uma fã, o escritor desabafa que não acreditava na democracia, pois esta tenta mecanizar a igualdade e a humildade, que são princípios espirituais, levando o homem à corrupção e ao orgulho (características não cristãs).¹⁷ Em outro trecho, comenta brevemente sobre G. K. Chesterton¹⁸, famoso pensador conservador, conhecido por defender os valores católicos na sociedade.¹⁹ A propósito, Tolkien admirava o autor e defendia a ideia de afastamento dos aspectos religiosos para dar espaço à teoria da evolução e ao cientificismo exagerado. No ensaio *Árvore e Folha*, Tolkien é possível notar essa visão:

“No que concerne ao mundo ocidental, europeu, esse ‘senso de separação’ tem sido, de fato, atacado e enfraquecido (...) pelas teorias científicas, (...) dos autores científicos que classificaram o Homem não apenas como ‘um animal’ – essa classificação correta é antiga -, mas como ‘apenas um animal’” (TOLKIEN, 2020, p.74-75.)

Para encerrar a análise, cabe se lembrar de Bernstein, ao perceber nestes elementos religiosos de Tolkien aspectos da cultura política que são observados em um indivíduo, mas partilhados por diversos elementos da sociedade (BERSTEIN, 1998, p.359). O próprio Carpenter revela:

¹⁷ “I am not a 'democrat' only because 'humility' and equality are spiritual principles corrupted by the attempt to mechanize and formalize them, with the result that we get not universal smallness and humility, but universal greatness and pride (...).”

¹⁸ “(...) you remind me that Chesterton said that whenever he heard that, he knew that whatever it referred to would soon be replaced, and thought pitifully shabby and oldfashioned.”

¹⁹ Para compreender a fama de Chesterton dentro do pensamento conservador tradicional, ver: SCRUTON, R. *Conservative texts: an anthology*. London: Macmillan Academic and Professional, 1999, p.59.

“Sua visão de mundo, segundo a qual cada homem ocupava ou deveria ocupar uma ‘posição’ específica, fosse alta ou baixa, implica, por um lado, que era um conservador antiquado. [...] Tolkien era, no jargão moderno, ‘de direita’ porque honrava seu monarca e seu país e não acreditava no governo do povo. No entanto, ele se opunha à democracia simplesmente porque acreditava que seus semelhantes não se beneficiaram dela” (CARPENTER, 2018, p.177).

Exército e a Grande Guerra

A partir do mapeamento de seu tempo no exército, é possível notar que Tolkien evita o alistamento militar, pois não quer sair de Oxford antes de sua formação. Em julho de 1915, contudo, começa seu treinamento como oficial. Em julho de 1916, participa da Batalha do Somme e, assim como muitos outros jovens, fica de frente aos horrores da guerra, perdendo dois de seus amigos (CARPENTER, 2018, p.170). O escritor tem o mesmo trauma de muitos outros ingleses que participaram da Grande Guerra, pois toda uma geração morreu na guerra (ANNAN, 1990, p.66). De sua faculdade, 243 haviam morrido e de Oxford, um em cada cinco homens alistados haviam perdido suas vidas (GARTH, 2003, p.250).

C.S. Lewis, amigo de Tolkien e representante dessa elite intelectualizada, também foi moldado pela guerra; compartilhando a ideia de que toda uma geração de escritores ficou marcada. Em sua análise de *O Senhor dos Anéis* para o jornal *The Times*, escreve sobre como “essa guerra tem todas as características da guerra que minha geração conheceu. Está tudo lá: a movimentação infinita e incompreensível, o silêncio sinistro do *front* (...), as amizades vívidas e animadas, o som ao redor parecido com desespero.”²⁰

Oxford

Como a vida de Tolkien foi marcada pela academia e estudos universitários (sua formação em Oxford e seus empregos na universidade de Leeds e depois o retorno para Oxford, como docente), a análise das redes de sociabilidade construídas na *universidade* e no *trabalho* serão trabalhadas em conjunto.

²⁰ “This war has the very quality of the war my generation knew. It is all here: the endless, unintelligible movement, the sinister quiet of the front (...), the lively, vivid friendships, the background of something like despair (...)”. LEWIS, C.S. *The Dethronement of Power*. In: ISAACS, Neil David. *Tolkien and the critics*. Indiana: University of Notre Dame Press, 1968, p.14.

Oxford e Cambridge, são as universidades mais prestigiadas da Inglaterra e aqueles que estudaram em Oxbridge (como são chamadas) possuem uma formação privilegiada. Peter Burke comenta que “os laços criados na universidade são muito importantes, especialmente se elas forem Oxford e Cambridge. Por exemplo, somente 2% dos alunos britânicos vão para Oxbridge” (BURKE, P., 2016, p.178). Uma vez dentro dessas universidades, os jovens (homens, na época de Tolkien) logo participavam de um modo de vida específico, reproduzindo valores conservadores. Tolkien, naturalmente, não fugiu a esse padrão. Annan também vê que tanto as *public schools* como as universidades de Oxbridge são responsáveis por formar modelos ideais, com respeito às instituições, conservadorismo e tradição (ANNAN, 1990, p.16). Para Carpenter (2018, p.77) “(...) em 1911, a maioria dos estudantes de Oxford vinha de famílias prósperas de classe alta. Muitos eram membros da aristocracia.” Tolkien, no entanto, não era desse grupo; o que não fez com que sofresse para se acostumar com o luxo da instituição. Por ser parte de uma classe média intelectualizada, Tolkien logo passa a seguir os padrões esperados de um membro de um *college*, se filiando a clubes de debates e de sociabilização.²¹

A formação de Tolkien em Oxford, em 1915, também nos revela muito dos valores culturais reproduzidos pela sociedade inglesa. Ao conseguir “Honras de Primeira Classe”, o autor realiza o esperado para um jovem do início do século XX: a honra de se ganhar um *first* (ANNAN, 1990, p.377), a prova que você não era só inteligente, mas ambicioso e parte de um grupo muito seletivo.

Após sua formação em Oxford, Tolkien continua sua carreira acadêmica como desejava, tornando-se professor associado de Língua Inglesa na Universidade de Leeds (1920-25). Em 1925, Tolkien retorna para Oxford, conseguindo uma vaga de cátedra em Língua e Literatura Inglesa. Lá ele se aposenta e sente falta do mundo intelectual a qual era parte. Ao se mudar para longe da universidade, já idoso, volta a comentar sobre a falta que sentia do ambiente intelectualizado de Oxford, no que Carpenter cita as palavras de Tolkien para o filho, Christopher: “não encontro homens da minha própria espécie.” (CARPENTER, 2018, p.339), Essa vida que Tolkien sentia saudades era a vida intelectual inglesa do século XX, que foi dominada por acadêmicos universitários, pessoas com atitudes em comum, formadas pelas *public schools* e Oxbridge; e que depois tornaram-se, em sua maioria, professores universitários ou figuras prestigiadas (HEYCK, 1998, p.232).

²¹ Peter Burke (2016) sobre as associações e clubes: “Filiar-se a associações, sociedades e clubes é a forma favorita de sociabilidade dos ingleses.” (p.252).

Amizade masculina

A partir de algumas das amizades de Tolkien e como ele se relacionava com essa rede de intelectuais, pode-se compreender elementos da cultura política dominante (SIRINELLI, 2003, p.249): além das amizades entre intelectuais na academia, percebe-se que a participação em clubes masculinos também contribuiu para a formação dessas redes. Desde sua infância e adolescência no *King Edward's School*, Tolkien fez amizade com pessoas que pensavam tradicionalmente, formando um grupo de debate literário chamado *Tea Club, Barrovian Society (T.C.; B.S.)* com seus iguais: destaca-se do grupo, Christopher Wiseman, poeta, Robert Quilter Gilson, filho do diretor da *public school* a qual Tolkien estudava, e Geoffrey Bache Smith, também poeta. Nesse ambiente era cultivada a amizade masculina, algo que Tolkien sempre seguiu e defendeu, deixando claro que esse tipo de amizade cultivada em *public schools* ou em universidades era típica da sociedade inglesa e não vista como sinal de homossexualidade (CARPENTER, 2018, p.66).

Em Oxford, já como professor, as amizades intelectuais continuaram parte da vida de Tolkien, sendo C. S. Lewis o intelectual centro dessa rede. O autor, reconhecido mundialmente por escrever *As Crônicas de Nármia* e outros textos de cunho religioso, foi um dos grandes representantes dessa elite intelectual (HEYCK, 1998, p.52). Juntos formaram um clube masculino e cristão chamado *The Inklings*, cujo objetivo era debater literatura e celebrar a amizade. O clube, como tantos outros ingleses, “(...) compartilhava valores comuns e posicionamentos políticos e culturais.” (CRISTELLI, 2013, p. 470). Esse tipo de amizade que celebrava a masculinidade, comum no período, era um traço da cultura conservadora, que valorizava tudo que fosse honrado, “(...) modesto, sensato, discreto” (CARPENTER, 2018, p.171) e desprezava tudo que não fosse masculino. Oxford, até o final do século XIX, foi um ambiente celibatário, como dito por Carpenter, e a amizade entre homens e a formação de grupos masculinos era algo comum. (CARPENTER, 2018, p.179).

Os *Inklings* reuniam pessoas com ideais semelhantes, todos cristãos e conservadores, mesmo que não fossem todos católicos como Tolkien. Nesses encontros, destaca-se a figura já comentada do intelectual Roy Campbell poeta defensor dos valores católicos.

Tolkien manteve amizade e trocou correspondências com o poeta anglo-americano W.H. Auden (1907-1953). Mais jovem quinze anos do que Tolkien e

conhecido por não simpatizar com as mesmas ideias políticas do que Tolkien (Auden era próximo ao movimento da Nova Esquerda e defensor do socialismo), os dois homens criaram um vínculo por correspondências; com o poeta anglo-americano defendendo a prosa de Tolkien em textos de crítica literária. É notável perceber que mesmo não tendo ideias políticas semelhantes, ambos acabaram criando um vínculo na rede de sociabilidade de Tolkien, o que revela que o intelectual conseguia transitar para além do círculo conservador e cristão.

Por último, na carta 327, agosto de 1971, temos Tolkien comentando com seu interlocutor, Robert Boyer, que apesar das diferenças, considerava Auden um grande amigo.²² Ainda sobre o poeta, é perceptível que Tolkien o julgava uma pessoa com ideais distintos, como o próprio afirma na carta 83 (já analisada anteriormente). Ao comentar sobre a esquerda contrária a Roy Campbell, Tolkien cita, em especial, Auden: “(...) quão diferente da Esquerda, Auden entre eles, que junto com seus amigos conseguiu que as obras de R.C (*Roy Campbell*) fossem banidas pelo Conselho de Birmingham.”²³

Considerações finais

Ao longo deste artigo foi debatido como o homem político Tolkien se inseriu a uma cultura política associada ao conservadorismo inglês do século XIX e início do XX. Mesmo que não fizesse parte do grupo *aristocrático* da sociedade, Tolkien possuía todos os elementos para ser considerado um membro de um grupo privilegiado do país, que muito era influenciado por essa aristocracia.

Apesar da análise ser centrada na figura de Tolkien, é possível notar, a partir das redes de socialização, como o literato foi influenciado pela cultura política conservadora do período. É do indivíduo que se capta o coletivo, representado por todos aqueles que se identificavam com os elementos dessa cultura política. Nota-se também como o próprio conservadorismo sobreviveu ao longo do tempo, apesar das mudanças possíveis de serem vistas e analisadas (BURKE, P., 2016, p.181).

²² “I did not know Auden personally as a young man; (...) I regard him as one of my great friends although we have so seldom met except through letters and gifts of his works.”

²³ “(...) however, it is not possible to convey an impression of such rare character, both a soldier and a poet, and a Christian convert. How unlike the Left (...) Auden among them who with his friends got R.C.’s works banned by the Birmingham T. Council!”

“A cultura política assim elaborada e difundida [...] não é de forma alguma um fenômeno imóvel. É um corpo vivo que continua a evoluir, que se alimenta, se enriquece com múltiplas contribuições. [...] não podendo nenhuma cultura política sobreviver a prazo a uma contradição demasiado forte com as realidades” (BERNSTEIN, 1998, p.357).

Referências

Referências:

ANNAN, Noel. **Our Age: portrait of a generation**. London: Weidenfeld and Nicolson, 1990.

Archive The New York Times. **The Hero is a Hobbit**. W.H. Auden. 1954. Disponível em: https://archive.nytimes.com/www.nytimes.com/books/01/02/11/specials/tolkien-fellowship.html?_r=1

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p.9-34, jul. 1998.

BENDA, Julien. **A traição dos intelectuais**. São Paulo: Editora Peixoto Neto, 2007.

BERSTEIN, S. A Cultura Política. In RIOUX, J. P. SIRINELLE, J. F. *Por uma História Cultural*. Lisboa: Estampa, 1998.

BLOOM, Harold. **Modern Critical Interpretations: J.R.R.Tolkien's The Lord of the Rings**. Philadelphia, Chelsea House Publishers, 2000.

BURKE, Edmund. **Reflexões sobre a Revolução Francesa**. Campinas: Vide Editorial, 2017.

BURKE, Peter; PALLARES-BURKE, Maria L. G. *Os ingleses*. São Paulo: Contexto, 2016.

CARPENTER, Humphrey. **J.R.R.Tolkien: uma biografia**. 1. ed. – Rio de Janeiro: Harper Collins, 2018.

_____. **The Letters of J.R.R.Tolkien: a selection**. London: Harper Collins, 2012.

CRISTELLI, Paulo. **J.R.R.Tolkien e a crítica à modernidade**. São Paulo: Alameda, 2013 (recurso digital).

GARTH, John. **Tolkien and the Great War**. Boston: Houghton Mifflin Company, 2003.

GODOY, Luciana Bertini. **Ceifar, semear: a correspondência de Van Gogh**. 2.ed. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2009.

GOV UK. **Past Prime Ministers.** c2019. Disponível em: <https://www.gov.uk/government/history/past-prime-ministers>. Acesso em 12 de agosto de 2020.

HEYCK, Thomas William. Myths and Meanings of Intellectuals in Twentieth-Century British National Identity. **Journal of British Studies**, vol.27, n.2, 192-221, 1998.

_____. Freelance Writers and the Changing Terrain of Intellectual Life in Britain, 1880-1980. *Albion: A Quarterly Journal Concerned with British Studies*, vol. 34, no. 2, 2002, pp.232–267. <JSTOR, www.jstor.org/stable/4053701> Accessed 12 Aug. 2020

KIRK, Russell. **Breve manual de conservadorismo** [recurso digital]. São Paulo: Trinitas, 2021.

LEVILLAIN, Philippe. Os protagonistas: da biografia. In REMOND, René (org.). **Por uma história política.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, p.141-184.

LEWIS, C.S. The Dethronement of Power. In: **ISAACS**, Neil David. *Tolkien and the critics.* Indiana: University of Notre Dame Press, 1968.

LOWENTHAL, David. **The past is a foreign country – revisited.** New York: Cambridge University Press, 2015.

MALATIAN, Teresa. A biografia e a História. In: **Cadernos CEDEM** (*Centro de Documentação e Memória da UNESP*), ano 1, n. 1, janeiro de 2008.

_____. Cartas: narrador, registro e arquivo. In: PINSKY, Carla B. e LUCA, Tania R. **O historiador e suas fontes.** São Paulo: Contexto, 2009, p. 195-222.

MILLS, C. Wright. **The Power Elite.** New York: Oxford University Press, 2000.

MITCHELL, Philip Irving. **Legend and History have met and fused: the interlocation of Anthropology, Historiography and Incarnation in J.R.R.Tolkien’s “On Fairy-stories”.** *West Virginia University Press. Tolkien Studies*, vol. 8, p.1-21, 2011.

PEEL, Robert. **The Tamworth Manifesto.** 18 December, 1834. Acesso em 14 de setembro de 2021. Disponível em: <<http://www.historyhome.co.uk/peel/politics/tam2.htm>>

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In REMOND, René (org.). **Por uma história política.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, p.231-270.

_____. Para uma história cultural. Lisboa: Editora Estampa, 1998.

SCRUTON, Roger. **Conservadorismo: um convite à grande tradição**. 7ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2020.

_____. **How to think seriously about the planet**. New York: Oxford University Press, 2012.

SPECK, W.A. **História Concisa da Grã-Bretanha: 1707-1975**. São Paulo: Edipro, 2013.

TOLKIEN, J.R.R. **Árvore e Folha**. Rio de Janeiro: Harper Collins Brasil, 2020.